

# Vade Mecum Espírita

## APOSTILAS VADE MECUM

### A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Novembro de 2020

## ÍNDICE

PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS.....	03
O REDENTOR.....	05
SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO.....	05
BEZERRA DE MENEZES.....	05
O MESTRE NA EDUCAÇÃO.....	11
PARÁBOLAS EVANGÉLICAS.....	12
LUZ ACIMA.....	14
BÍBLIA.....	15
O LIVRO DOS EVANGELHOS.....	17
PARÁBOLAS QUE JESUS CONTOU E VALEM PARA SEMPRE.....	18
ARQUIVOS PSÍQUICOS DO EGITO.....	27
UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO.....	27
GENERALIDADE E CONCORDÂNCIA - A GÊNESE.....	29

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

X

## PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS

Cairbar Schutel

### Parábola das virgens prudentes e das néscias

"O Reino de Deus será comparado a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. Cinco dentre elas eram néscias e cinco prudentes. As néscias, tomando as suas lâmpadas não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas. Tardando o noivo, toçanejaram todas e adormeceram. Mas à meia noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai a seu encontro! Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam suas lâmpadas. E disseram as néscias às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando! Porém as prudentes responderam: Talvez não haja bastante para nós e para vós. Ide antes aos que o vendem e comprai-o para vós. Enquanto foram comprá-lo; veio o noivo; e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas e fechou-se a porta. Depois vieram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abrenos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.

"Portanto, vigiai, porque não sabeis nem o dia, nem a hora."  
(Mateus, XXV, 1 - 13.)

Há virgens e virgens, porque se umas são prudentes, outras são néscias.

Esta interessante parábola deixa ver bem claro que o Reino dos Céus não é um pandemônio de sábios e ignorantes, não é um ambiente onde tenham a mesma cotação os prudentes e os tolos.

A instrução espiritual é indispensável, assim como o é a instrução intelectual na vida social.

Os que passam a vida ociosamente, dela sugando o que tem de bom a lhes oferecer para a satisfação de seus deleites, os néscios, que julgam obter o Reino de Deus, sem estudo, sem esforço, sem trabalho, finalmente aqueles que não fazem provisão de conhecimentos que lhes aumentem a fé, estão sujeitos a serem apagadas as suas candeias, e a perderem a entrada às bodas quando se virem forçados, de um momento para outro, a fazer aquisição de óleo, que representa os conhecimentos que fazem combustão em nossas almas, acendendo em nosso coração a lâmpada sagrada da Fé.

A fé sem conhecimento pode ser comparada a uma candeia mal provida que à meia noite não dá mais luz.

Assim é a fé dogmática, misteriosa, abstrata: na ocasião das provações, das dores, dos sofrimentos, nessa metade da noite por que todos passam, essa fé é semelhante ao morrão que fumeja, da torcida que já sugou a última gota de óleo.

A prudência, ao contrário, manda ao homem que seja precavido, que abasteça abundantemente não só a sua candeia, mas também a maior vasilha que puder transportar, com o combustível que se converte em luz para lhe iluminar os passos, o caminho, a estrada por onde tem de seguir, e que assim possa, envolto em claridade, afrontar as trevas da noite inteira e ainda lhe sobre luz para com ela saudar os primeiros raios do Sol nascente.

A prudência manda ao homem que estude, pesquise, examine, raciocine e compreenda.

As virgens, tanto as da primeira condição, como as da segunda, representam a incorruptibilidade, representam todos aqueles que se conservam isentos da corrupção do mundo.

Mas não é bastante resguardar-se da corrupção para se aproximar do Grande Modelo: Jesus, o Cristo.

Assim como sem a candeia bem abastecida de combustível as virgens néscias não puderam ir ao encontro do noivo e entrar com ele nas bodas, assim também sem uma luz que bem esclareça e ainda uma provisão de combustível que faça luz, ninguém pode ir ao encontro do Cristo e penetrar nos umbrais da aliança espiritual, para tomar parte nas bodas, cantando hosanas ao santo nome de Deus.

A needade é um entrave que paralisa o espírito, arrojando-o depois na mais densa escuridão.

Não é bastante a virgindade espiritual para a entrada da criatura humana no Reino de Deus, mas é preciso que a mesma seja ligada ao conhecimento, a todo o conhecimento que nos foi dado por Jesus Cristo, nosso Mestre e Irmão Maior.

Não pode haver no Céu um misto de ignorância e de santidade. Toda a santidade é cheia de sabedoria, porque é da sabedoria aliada à santidade que vem a verdadeira Fé e a consequente prática das boas obras.

As virgens néscias, por não terem azeite, não encontraram e nem puderam receber o noivo, assim como não tomaram parte nas bodas, porque suas lâmpadas se apagaram à chegada do noivo.

As virgens prudentes, ao contrário, acompanharam o noivo e com ele entraram nas bodas, porque tinham as suas lâmpadas bem acesas.

A Religião não é crença abstrata. É um conjunto maravilhoso de fatos, de ensinamentos, que se unem, se completam, se harmonizam concretamente.

Só os néscios não a compreendem, porque não abastecem as lâmpadas que lhes iluminariam esse Reino da Verdade, onde as bodas eternas felicitam os espíritos trabalhadores, humildes e prudentes.

A necedade, é a antítese da prudência; esta não pode existir onde impera aquela.

Necedade, ignorância, falta de tino, são os maiores entraves à elevação do Espírito para Deus.

A prudência é cheia de sabedoria, de circunspeção, de consideração e de serenidade de espírito. A prudência não obra desordenadamente, mas se afirma pela temperança, pela sensatez e pela discrição.

O inverso se dá com a necedade. Envoltos em trevas, debatendo-se em plena obscuridade, não mede as responsabilidades, não prevê consequências, não arrazoa os atos que pratica.

Esta parábola, como dissemos, ensina aos que aspiram o Reino dos Céus, a necessidade da instrução, do cultivo do espírito, do exercício da inteligência e da razão, para a obtenção do conhecimento supremo, que nos guindará à eterna felicidade.

Não basta dizer: Senhor! Senhor! Não basta proferir preces, nem pronunciar orações mais ou menos emocionantes para a porta da felicidade nos seja aberta. É preciso, primeiro que tudo, "abastecer as lâmpadas e os vasos". O mandamento não é só: **amai-vos**, é também: **instruí-vos**.

A sabedoria é o óleo sagrado da instrução. Sem ela não há caminho para o Reino dos Céus, nem entrada para a "Casa de Deus".

Sendo nossa estadia na Terra um meio de instrução, seremos néscios se descurmarmos desse dever para nos entregarmos a labores ou diversões fúteis que nenhum progresso espiritual nos podem proporcionar.

As cinco "virgens prudentes" simbolizam os que leem, estudam, experimentam, investigam, raciocinam, e, procurando compreender a vida, trabalhando pelo seu próprio aperfeiçoamento.

As cinco "virgens néscia" são o símbolo daqueles que sabem tudo o que se passou, menos o que precisam saber: não estudam, enfastiam-se quando se lhes fala de assuntos espirituais; chegam mesmo a dizer que, enquanto estão nesta vida, dela tratarão, reservando o seu trabalho de Espírito para quando se passarem para o Outro Mundo.

Geralmente, são estes que, nos momentos angustiosos, ou quando a "morte" lhes bate à porta, revestem-se de uma "fé" toda fictícia e exclamam: Senhor! Senhor! E como não podem obter o "óleo" de que fala a parábola, pensam poder adquiri-lo com os **mercadores**, mas ao voltarem encontram "fechada a porta" e ouvem a voz de dentro que lhes diz: "Em verdade, não vos conheço"!

É preciso **vigiar**: procurar a verdade, onde quer que se encontre. É preciso adquirir conhecimentos, luzes internas que nos fazem ver o Senhor e nos permitem ingressar na sua morada.

A Religião é Luz e Harmonia; assim se apresentou ela aos Discípulos no Cenáculo: em forma de "línguas de fogo e como um vento impetuoso que encheu toda a sala". E para segui-la é preciso ter olhos e ouvidos.

A necedade nada sabe, nada compreende, nada conhece, nada pensa.

Só a prudência nos pode guiar no caminho da Vida, aproximando-nos d'Aquele por cujos ditames conseguiremos nossa redenção espiritual.

## O REDENTOR

Edgard Armond

### As Dez Virgens

Nas cerimônias nupciais o noivo, ao chegar ao lugar das bodas, era recebido por um cortejo de virgens, com lâmpadas acesas.

Nesta parábola, o noivo chegou de repente, e muitas das recepcionistas estavam com suas lâmpadas apagadas e sem azeite para acendê-las ficando, por isso, impedidas de entrar na casa.

É preciso, pois, estarmos sempre preparados, prontos a acender as lâmpadas, para não ficarmos de fora, nas trevas, quando chegar a hora do banquete espiritual, nos paramos celestes virá o senhor daquele servo, no dia em que o não espere e na hora que ele não sabe, removê-lo-á e o fará partilhar da sorte dos infiéis”.

## SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO

Minimus

### *Parábola das dez virgens.* (Mat., 25:1 a 13)

“Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. — Cinco dentre elas eram insensatas, e cinco prudentes. As insensatas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas. — Como o noivo tardasse em chegar, todas cochilaram e adormeceram. A meia-noite, porém, ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí ao seu encontro. — Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. Disseram as insensatas às prudentes: — Dai -nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se estão apagando. Ao que as prudentes responderam: — É possível que não haja o suficiente para nós e para vós; ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós. — Enquanto foram comprá-lo, veio o noivo; as que estavam preparadas, entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. — Depois vieram as outras virgens

## BEZERRA DE MENEZES

Canuto de Abreu

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPIRITAS  
DO BRASIL, NA SOCIEDADE ESPÍRITA FRATERNIDADE, PELO  
MÉDIUM FREDERICO JÚNIOR

Paz e amor sejam convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa

doutrina de paz e amor, de justiça e esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoem se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe que usemos de linguagem franca, rude mesmo, por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos muitas vezes com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro, corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos, que tomei para com o nosso Criador e Pai.

Sempre compassivo e bom, voltando os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do seu amantíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que vem abertamente falar da revelação messiânica a essa mesma Humanidade esquecida do seu imaculado Filho — aquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho — precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da inteligência humana para compreendê-lo em Espírito,

Por toda parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa Nova.

Todos foram chamados, a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia que não quer a morte do pecador — que não quer o extermínio dos ingratos — que antes os quer ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos!

Sendo assim, a esse pedaço de terra a que chamais Brasil, foi dada também a revelação da revelação, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — DEUS, CRISTO E CARIDADE. Forte pela sua dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos seus trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão das pombas; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor —, pudessem adorar o Pai em espírito e verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da luz; onde, finalmente, se pudesse

formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, oh! misérias humanas! À semelhança das sementes lançadas no pedregulho, eles não encontram terra boa para as suas raízes e quando aquele Anjo Bom — aquele Enviado do Eterno — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões — foram-se encravando na rocha, apesar do orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação!

»

Ali, onde a humildade deverá ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo, a indiferença cavou sulcos, a justiça se chamou injustiça, a fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

Assim, quando os inimigos da luz, quando o Espírito das trevas julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da trindade divina, quando a voz iníqua já reboava no espaço glorificando o reino das trevas e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse uma pequena tenda de combate com o nome — FRATERNIDADE!

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que não recebiam a semente no pedregulho!

Certos de que acaso é palavra sem sentido e testemunha dos fatos que determinam o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agrupar, ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael, único que dirige a propaganda da doutrina nesta parte do planeta, único que tem toda a responsabilidade da sua marcha e do seu desenvolvimento.

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra FRATERNIDADE!

Não é um termo, é um fato; não é sua palavra vazia, é um sentimento sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua grandeza extraordinária!

Ismael tem o seu Templo e sobre ele a sua bandeira — **Deus, Cristo e Caridade!** Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram como a verdade. Chama-se FRATERNIDADE!

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é **Deus, Cristo e Caridade?**

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto convosco naquilo que vou dizer: — O vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a doutrina — mas com o que interessa

exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem método, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará, com todo o peso da sua iniquidade.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota porquanto — vede bem, o que não podeis fazer com o Evangelho — unir-vos pelo amor do bem-fazer os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal.

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a doutrina espírita — revelação da revelação — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos, em face da doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elementos contam eles na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidades?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos — em que canto da Terra construístes a grande muralha contra o mal, contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tendais perdido? Que repouseis sobre as outras que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundado de todos os dias, dos vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídas pela traça — tocados pelo bolor dos vossos arquivos repletos de comunicações?

Se assim for, e agora não há voltar atrás, porque já tendes a mão no arado, onde a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se entregues a vós mesmos, julgando-vos possuidores de grandes conhecimentos doutrinários, afastais, pela prática das vossas obras, aqueles que até hoje têm procurado incessantemente colocar-vos debaixo do grande lábaro — Deus, Cristo e Caridade?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais, ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a doutrina e seu



desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já desse modo um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será por que convenha à propaganda que fazeis? Mas para a propaganda precisamos dos elementos constitutivos dela. Pergunto: — onde a Escola dos Médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir na outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheio dessa seriedade, que dá uma ideia exata da grandeza da nossa doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades, individuais e coletivas, se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam, julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que repassa profundamente o seu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance.

Se completa não está a minha missão na terra, se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que aí me foi revelada, dando-vos nossos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências, se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, se produzirdes um trabalho na altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude do amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para a emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da ciência e da religião, como também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estrito limite da boa vontade e da propaganda sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de N.S. Jesus Cristo quando disse que a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, Templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então sim; — distribuí a luz, ela vos pertence.

E vos pertence porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço — uma brilhante conquista do vosso Espírito empenhado nas lutas sublimes da verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que

muitos são os que gostosamente se entregam ao culto maravilhoso; nunca, porém, deixarão as impressões suaves da verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição pela base do vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos Espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos profanos livros que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa redução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Twa aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se à lâmpada do vosso Espírito faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada de Jesus Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo feliz consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que virão como últimos, a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

Esses pontos do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda, apesar da revelação, não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que ressoa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — os tempos são chegados! — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos Espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens como criaturas cheias de ambições que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e a satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar no reino de Deus coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria o não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis que credes: seria zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede. entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não há salvação. Sem fraternidade não pode haver união.

Uni-vos, pois, pela fraternidade debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto. Aqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem intencionado e verdadeiramente cristão.

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi: se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a

cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliares e a expansão dos fluidos, aí tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos. Virei, em novos termos, se for preciso, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da vossa doutrina é o maior escolho lançado no vosso caminho, é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante e será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar vos com o critério que se exige daqueles que se empenham numa tão grande causa.

Permita Deus que os espíritas, a quem falo, que os homens, a quem foi dada a graça de conhecerem em Espírito e verdade a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, tenham a boa vontade de me compreender, a boa vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

ALLAN KARDEC

## O MESTRE NA EDUCAÇÃO

Pedro Camargo - Vinicius

### JESUS E SUAS PARÁBOLAS

É digno de nota e bastante significativo o Divino Instrutor e Guia da Humanidade ter empregado parábolas como processo de ensinar e instruir os seus discípulos.

De fato, o método parabólico é eminentemente pedagógico, porque, apelando para o raciocínio, força o educando a pensar e refletir, pondo, destarte, em atividade a Razão, essa luz que Deus acende em nosso espírito a fim de que, usando-a sempre, a tornemos cada vez mais intensa e brilhante.

Como é sabido, as parábolas são uma espécie de alegoria, história ou composição, encerrando em seu entrecho um ensinamento, certa moralidade que deve ser descoberta pelos leitores ou ouvintes.

A parábola difere do apólogo e da fábula porque nestas, comumente, figuram animais como protagonistas e também porque o seu enredo é pura fantasia, portanto inverossímil, enquanto o das parábolas é natural e exequível. Estas, urdidas por Jesus, têm, como base e fundo, os acontecimentos cotidianos originários daquela época. Todas elas contêm, invariavelmente, uma lição de moral. Assim, por exemplo, as do "Filho Pródigo", da "Ovelha Desgarrada" e da "Dracma Perdida" — ensinam a unidade do destino que o Pai Celestial, em seu amor, concebeu e reserva a todos os seus filhos dentro da lei do arrependimento, confissão da culpa e do propósito de emendar-se.

A do "Bom Samaritano" — ressaltando o sentimento fraterno e a prática do Bem, como padrão da verdadeira Fé, isenta de todo laivo sectarista; a "Dos Talentos" — fazendo ver aos homens que será através dos seus esforços, porfias e lutas que lograrão subir e elevar-se na escala evolutiva; a dos "Trabalhadores das Diversas Horas do Dia" — comprovando que a evolução do Espírito depende mais de operosidade e diligência do que propriamente do tempo, e que o valor das obras resulta de sua perfeição e não do seu volume; a do "Mordomo Infiel" — demonstrando que os bens terrenos são temporais, não constituindo propriedade dos homens, serão apenas usufruídos por eles no decurso de cada uma de suas

existências; a do "Juízo Final" — notificando que no divino tribunal se indagará tão-somente do homem, se ele amou ou desdenhou o seu próximo, de vez que, da resposta negativa ou afirmativa, a esse único quesito, depende a sua redenção ou condenação; a das "Virgens Loucas e das Prudentes" — assinalando que não será à última hora, no momento da morte, que nós poderemos preparar devidamente para o outro plano de vida, visto como, chegando o nosso momento de partida, para lá iremos nas condições em que nos acharmos, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis. E assim, sucessivamente, todas as demais revelam, em sua estrutura, moralidades e lições concernentes ao sentimento do bem, à noção da justiça e do dever, já para com Deus, como também para com nosso próximo. É de notar-se que a preocupação do Inigualável Educador se circunscreveu à zona do coração e não à do cérebro; ao culto da virtude e da verdade na formação do caráter, e não tanto ao amanho da inteligência na criação de eruditos e sábios, segundo a conceituação humana.

Notemos bem — ao culto da virtude e da verdade na formação do caráter.

Eis aí o assunto, a disciplina que os homens ainda não aprenderam. Sem o seu conhecimento, jamais solucionarão os seus problemas.

Duvidar, descreer dessa ciência e dessa arte que se denomina — EDUCAÇÃO — arte e ciência cuja finalidade é transformar e renovar o indivíduo, é negar a evidência da evolução, lei incoercível, fartamente comprovada em todos os planos da Natureza, em todas as fases da vida, no seu curso eterno e majestoso.

Fora da Educação, que se consubstancia em cada indivíduo em **autoeducação**, não há redenção, não há salvação possível. Tudo o mais que se propala nesse setor não passa de pura fantasia.

A confusão reinante no mundo atual resulta do descaso que se tem votado a tão magna questão. Os males que flagelam a humanidade contemporânea procedem da descrença, do cepticismo e da falta de confiança na eficácia da educação, principalmente no que respeita à educação moral. A crise que nos perturba é de dignidade, é de valores morais. Desta é que se originam todas as outras. Não é de sábios que precisamos: é de caracteres incorruptíveis. Os problemas da inteligência estão, por assim dizer, solucionados, conforme atesta o surto imenso de progresso material atingido. Nada obstante, é aflitivo e angustioso o momento que atravessamos. Os financistas e economistas não resolvem o problema do pão. Os estadistas não resolvem o mortificante problema da paz. Os sociólogos de alta envergadura jazem impotentes diante do pauperismo, do vício, do crime, da corrupção e de outros velhos problemas sociais.

Por quê? Certamente porque lhes falta a percepção interna das grandes realidades da Vida, dessa Vida que prossegue o seu curso além da campa; percepção que só se obtém mediante o culto sincero da Verdade; que só se aprende sondando os profundos arcanos da consciência e auscultando a sua voz; que só se logra finalmente no estudo e na meditação da ciência da moral, que é a ciência do coração!

## PARÁBOLAS EVANGÉLICAS

Rodolfo Calligaris

### PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

"O reino dos céus é comparado a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo.

Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes.

As néscias, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas.

Tardando a chegar o noivo, toscanejaram todas e adormeceram. À meia-noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saiam todas ao seu encontro.

Então elas se levantaram a fim de preparar as suas lâmpadas.

E disseram as néscias às prudentes: Dai- -nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando.

As prudentes, porém, responderam: Talvez não haja o bastante para nós e para vós. Ide, pois, aos que o vendem, e comprai o que haveis mister.

E enquanto elas foram comprá-lo, veio o noivo; e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

Depois vieram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.

Portanto, vigiai, porque não sabeis nem o dia, nem a hora." (Mat., 25:1-13)

As dez virgens, nesta parábola, simbolizam aquelas criaturas que procuram resguardar-se das corrupções do mundo.

Mas, há virgens e virgens.

As cinco néscias representam os que se preocupam apenas em fugir ao pecado. Passam a vida impondo-se severa disciplina, evitando tudo aquilo que os possa macular, certos de que isto seja o bastante para assegurar-lhes um lugarzinho no reino de Deus. Esquecem-se, todavia, de que a pureza sem o complemento da bondade é qual uma candeia mal provida, que, no meio da noite, não dá mais luz, deixando seus portadores mergulhados na mais densa escuridão.

Já as virgens prudentes retratam os que, além dos cuidados que tomam para se manterem incorruptíveis, tratam também de prover- -se do azeite, isto é, das **virtudes ativas**, que se manifestam em boas obras em favor do próximo. E, com a posse do precioso combustível, que se converte em luz, garantem a iluminação de seus passos no caminho que os há-de conduzir à realização espiritual, à união com o Cristo.

A chegada do noivo, como facilmente se deduz, é a era de paz, alegria e felicidade que a Terra desfrutará num futuro próximo, quando, após sofrer grandes transformações, será devidamente expurgada para tomar-se a morada de espíritos de boa vontade, que aqui implantarão uma nova civilização, verdadeiramente cristã, baseada no Amor e na Fraternidade Universal.

A recusa das virgens prudentes em darem do seu azeite às virgens néscias, significa claramente que as virtudes são intransferíveis, devendo cada qual cultivá-las com seus recursos pessoais.

E' preciso, portanto, "vigiar", ou seja, trabalhar com afinco e sem esmorecimento pelo próprio aperfeiçoamento, para que mereçamos participar dessa nova fase evolutiva do orbe terráqueo.

Se descurarmos desse dever, deixando para a última hora as diligências desta ordem, ou imaginando, idiotamente, que outrem, os profissionais da religião, possam suprir nossas deficiências espirituais, sem qualquer esforço de nossa parte, sucederá que, no momento crítico, ver-nos-emos desprovidos do "azeite" de que fala a parábola, e, enquanto o formos procurar com os "mercadores", o ciclo se fechará, surpreendendo-nos de fora, o que equivale a dizer, relegados a planos inferiores, onde haverá "choro e ranger de dentes."

Então, será inútil clamar: "Senhor, Senhor, abre-nos a porta", porque o Cristo nos responderá: "Não vos conheço."

Nem poderia ser de outra forma, porquanto data de dois mil anos esta advertência evangélica: "Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus."

## LUZ ACIMA

Francisco Cândido Xavier

### VELHO APÓLOGO

Observou o Supremo Pai que o Homem, filho de seu amor e herdeiro de sua sabedoria, tateava angustiado nas trevas da ignorância, errando no vale escuro da Morte... Recomendou então ao Tempo a condução do peregrino das sombras à claridade da Terra onde o filho infeliz aprenderia a ciência da Vida com a Verdade, para que o túmulo não mais lhe perturbasse o caminho eterno...

Nasceu o Homem, na esfera carnal e, cuidadosa, a mestra Verdade procurou-o em pequenino. Os zeladores do infante, todavia, pais a título precário, afugentaram-na revoltados.

— O menino é nosso! — gritaram possessos de egoísmo — é cedo, muito cedo para a intromissão da realidade.

E segregaram o aprendiz miúdo num berço de rendas mentirosas.

Ao invés de revelar-lhe a condição de usufrutuário da escola terrena, conferiram-lhe perigosas ilusões. Afirmaram-lhe que o mundo era propriedade dele, que era superior aos semelhantes, que era, em suma, o único ser digno de respirar na atmosfera planetária. Incitaram-no a dominar sempre, fosse como fosse, a vencer de qualquer modo, ainda mesmo quando o sofrimento e a miséria lhe clamassem piedade e justiça.

Quando o Homem pôs o pé fora do lar, na puberdade, era um diabo mirim. Sabia espancar, depredar, humilhar, impor-se e ferir...

Notou a Verdade que grandes obstáculos se interpunham entre ambos, mas aproximou-se e ofereceu-lhe o tesouro que trazia.

O fedelho sorriu, cínico e objetou:

— Nada disto. Quero viver por mim mesmo.

Recolheu-se a orientadora, sem desânimo.

Aprumando-se o interessado em plena juventude, voltou a presentear-lo com o patrimônio imperecível.

O rapaz exclamou, desdenhoso:

— Estou muito moço ainda! seguirei sem muletas.

Retraiu-se a sublime condutora. Decorridos alguns anos, informou-se de que o tutelado bebera novos conhecimentos nas fontes do mundo e regressou, esperançada, ao convívio dele, oferecendo-lhe os bens eternos. Sobranchando pesados compêndios, o aprendiz fujão, dessa vez, gargalhou, simiesco, declarando:

— Tenho a Terra. Não preciso do Céu. Estou bastante preocupado com questões imediatas para internar-me em problemas longínquos! a sugestão é prematura! . . .

Refugiou-se a instrutora nas vizinhanças, aguardando outro ensejo...

Quando o aluno refratário à lição se consorciou para converter-se em pai provisório de outros aprendizes na escola terrestre, tornou a buscá-lo, abrindo-lhe o acesso à espiritualidade superior. O protegido recusou recebê-la.

— Vivo sobremaneira ocupado... não posso cogitar de enigmas transcendentais... — assegurou.

A incansável benfeitora passou então a visitá-lo, periodicamente, na expectativa de modificação repentina.

Assim é que o Homem lhe apresentava os mais variados pretextos, em troca da oferenda divina.

— Hoje, não. Tenho a mulher enferma.

— Enquanto meus filhos estiverem desassossegados.

— Depois. Antes de tudo, é indispensável garantir o futuro da prole.

— Minha cabeça estala!

— Assumi outros compromissos, não sou livre...

— Doente como estou, não arredarei pé de casa...

— Não posso faltar ao clube.

A Verdade jamais desanimou. Procurava-o, de muitos modos, cada semana. O hábil esgrimista do raciocínio, contudo, dispunha de golpes inesperados. Esquivou-se maciamente, enquanto lhe sobravam vigor e saúde. Quando se viu, porém, valetudinário e encanecido, fez-se vítima e desculpava-se, afiançando:

— Sinto-me fatigado como nunca...

— E imprescindível "espichar os anos."

— Estou velho em demasia para renovar-me...  
 Surgiu, no entanto, um dia, em que identificou singulares diferenças em si mesmo. Atarrado, verificou que a carne senescente estava flácida e descontrolada. O sangue engrossava-se lhe nas veias. A epiderme semelhava-se ao pergaminho. Os ossos rangiam, quebradiços.  
 A Morte impassível acercou-se dele, tentando cerrar-lhe os olhos, mas o infeliz clamou por ajuda. Socorreu-o a Ciência com picadas e beberagens. A Fé orou sentidamente, junto ao leito acolhedor.  
 O misero, porém, temendo a escuridão do sepulcro, bradava para dentro do próprio coração:  
 — A Verdade! quero a Verdade! . . .  
 A benfeitora, reconhecendo-o novamente cego, viu-se inibida de atender. Inclinando-se lhe aos ouvidos, esclareceu:  
 — Agora é tarde...  
 O moribundo suplicou a intervenção do Tempo, mas o Tempo escusou-se, informando, inflexível:  
 — Agora, será necessário esperar...  
 E a Morte, querida e detestada, respeitada e incompreendida, aproximou-se serenamente, baixou o pano e concluiu:  
 — Agora, é comigo. Tratarei de seu caso.

## BÍBLIA

João Ferreira de Almeida

### A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

S. Mateus 25, v 1 a 13

ENTÃO o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas (b) lâmpadas, saíram ao encontro do (2) esposo.

2 E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.

3 As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

4 Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas.

5 E tardando o esposo, tosquenejaram todas, (3) e adormeceram.

6 Mas à meia noite ouviu-se um clamor: (4) Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.

7 Então todas aquelas virgens se levantaram, (5) e prepararam as suas lâmpadas.

8 E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.

9 Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.

10 E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, (6) e fechou-se a porta.

11 E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: (7) Senhor, Senhor, abrenos.

12 E ele respondendo, disse: Em verdade vos digo (8) que não vos conheço.

13 Vigiai pois, (9) porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir.

**Chave bíblica:** b- ou, os seus fachos. **(1)** Ef. 5, 21: Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus. Apoc. 19, 7: Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe gloria; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. 21, 2 .9: **2** E eu, João, vi a santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. **3** E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. **4** E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima, e não haverá mais morte, nem prante, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. **5** E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. **6** E disse-me mais: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. **7** Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. **8** Mas quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte. **9** A nova Jerusalém. **(2)** 13, 47: Iguamente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes. 22, 10: E os servos saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quanto encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados. **(3)** I tess. 5, 6: Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios. **(4)** 24, 31: E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. **(5)** Luc. 12, 35: Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias. **(6)** Luc. 13, 25: Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta, e começardes a estar de fora, e a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; e respondendo ele vos disser: Não sei donde vós sois; **(7)** 7, 21 a 24: **21** Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu pai, que está nos céus. **22** Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos nós em teu nome? Não expulsámos demônios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? **23** E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. **24** Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. **(8)** Sal. 5. 6. Ler; Hab. 1, 13: Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a vexação não podes contemplar; porque, pois, olhas para os que procedem aleivosamente, e te calas quando o ímpio devora aquele que é mais justo do que ele? João 9, 31: Ora nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus, e faz a sua vontade a esse ouve. **(9)** 24, 42 a 46: 42 Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor; 43 Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e



não deixaria minar a sua casa. 44 Por isso, estai vós apercebidos também; porque o filho do homem há de vir à hora em que não penseis. 45 Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? 46 Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Mar.13, 33 a 35; 33 Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo. 34 É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa e desse autoridade aos seus servos, e a cada um à sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse. Luc. 21, 36: Vigiai pois em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem.; I Cor. 16, 13: Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. I Tess. 5, 6: Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios; I Ped. 5, 8: Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar. Apoc. 16, 15: Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda os seus vestidos, para que não ande nu e não se vejam as suas vergonhas.

## O LIVRO DOS EVANGELHOS

Emídio Silva Falcão Brasileiro

### PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

MATEUS 25:1-13

**10.9. "Então o Reino dos Céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo e da noiva. Cinco dentre elas eram insensatas e cinco prudentes.**

**As insensatas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. As prudentes, porém, levaram azeite em seus vasos e as lâmpadas.**

**Demorando o noivo, todas elas sentiram sono e adormeceram. Mas à meia-noite, ouviu-se um grito: 'Aí vem o noivo! Saí ao seu encontro!'**

**Logo se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as insensatas disseram às prudentes: 'Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. As prudentes responderam: 'Não seria o bastante para nós e para vós. Ide antes aos que o vendem e comprai-o para vós'.**

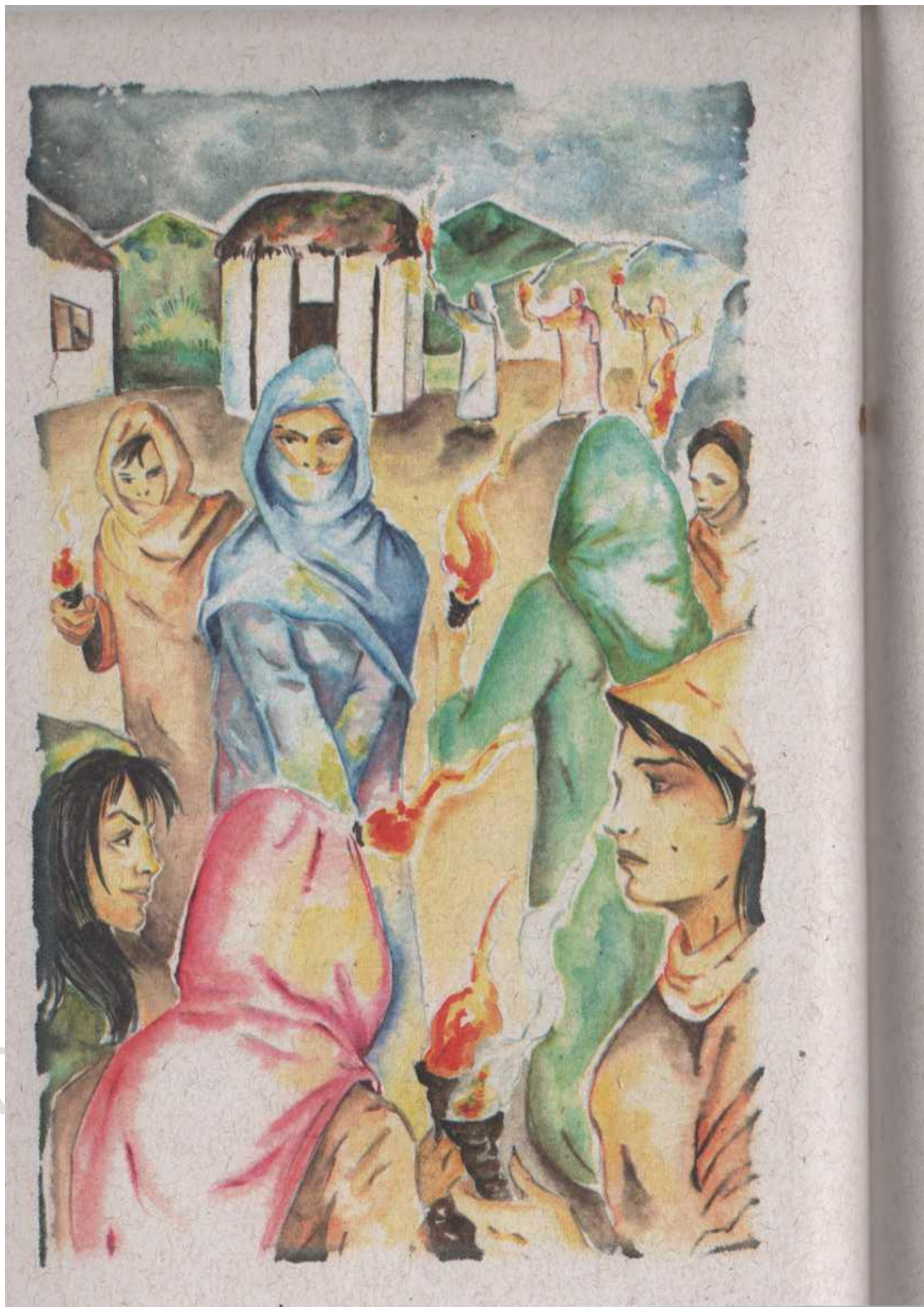
**Enquanto foram elas comprar o azeite, chegou o noivo e as que estavam preparadas entraram com ele para o banquete de núpcias, e fechou-se a porta.**

**Finalmente, chegaram também as outras virgens e disseram: 'Senhor, senhor, abre-nos!' Mas ele respondeu: 'Em verdade vos digo: não vos conheço!'**

**Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora".**

## PARÁBOLAS QUE JESUS CONTOU E VALEM PARA SEMPRE

Therezinha Oliveira



## A Parábola das Dez Virgens

Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que tomando suas lâmpadas saíram ao encontro do esposo

### Reino dos céus

Bem sabemos, é a vida espiritual, o que se passa no plano do espírito, a situação no lado de lá da vida.

### As virgens

O termo **virgens** não se refere a corpos, simboliza a alma de quem procura se resguardar espiritualmente das corrupções do mundo. O número **dez** sugere, talvez, uma porcentagem. Mesmo entre os que se dizem cristãos, nem todos se resguardam dos vícios e desvios morais, apenas cerca de dez por cento o fazem, na estimativa de Jesus.

Outro item que pode nos confundir é saber que as dez virgens **saíram ao encontro do esposo**. Em nossa ignorância, pensamos que vão se casar com esse esposo e tal pensamento nos escandaliza e perturba. Mas, ao tempo de Jesus, os judeus já não eram polígamos; havia, sim, a possibilidade do divórcio, porém procuravam seguir a recomendação: **"ninguém seja infiel à mulher da sua mocidade"**. (Malaquias 2:15)

As dez virgens numa festa de bodas se explicam pelo costume judaico de formarem as amigas da noiva um cortejo, recebendo o noivo à entrada da casa para conduzi-lo até à nubente, no interior. As lâmpadas (tochas, fachos luminosos) eram necessárias para iluminar o caminho, pois as núpcias se realizavam à noite.

A imagem de um casamento ou núpcias é várias vezes empregada comparativamente no Novo Testamento: por Jesus (O Festim de Bodas, Mateus 22), por Paulo (Efésios 5:22/33) e por João (Apocalipse 19:7/9 e 21:2). É a união simbólica do pensamento divino com a humanidade, sendo Jesus o noivo ou esposo, que traz a ideia divina para a "igreja", o agrupamento dos que creem.

A figura da "Nova Jerusalém", no Apocalipse, anuncia uma nova era, realmente cristã, quando a humanidade, espiritualmente mais evoluída, já terá assimilado o pensamento, o sentimento e a ação do Cristo.

Quem se resguarde dos desvios morais, participará da instalação dessa nova era, como "virgem", acompanhante da noiva, por acolher na vanguarda o pensamento divino e, impregnando-se dele, o levar em ideia e ação ao meio social, conduzindo o "noivo" à casa da humanidade.

Continuando, informa Jesus:

**E cinco delas eram prudentes, e cinco néscias.**

Dez por cento já era pouco e agora ainda fica repartido na metade? É que, mesmo entre as criaturas de costumes melhores (pela fé cristã, pelo conhecimento espiritual da vida), existem diferenças de comportamento e atitudes. Alguns são virgens prudentes, precavidos, prevenidos, cautelosos; outros são virgens néscias (que não sabem), ou loucas (sem juízo) como se lê em outras traduções.

Como podemos perceber a diferença entre as virgens prudentes e as néscias ou loucas? Pela atitude de cada uma delas:

**As loucas, tomando suas lâmpadas, não levaram azeite consigo, mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com suas lâmpadas.**

Sem dúvida, para sustentar a chama das lâmpadas durante a espera pelo noivo, mandaria a prudência que se pensasse em manter uma reserva de combustível. As virgens que não agiram assim revelaram, por isso mesmo, a sua ignorância ou insensatez.

Que simbolizariam, espiritualmente, as lâmpadas que as virgens portavam? Perguntemo-nos: O que ilumina e aquece a alma? Que não nos deixa em trevas, perdidos, sem rumo no caminho da vida? Que nos reconforta e anima o coração? É a fé religiosa, a convicção que temos sobre as coisas espirituais.

Pois, assim como a lâmpada se alimenta de azeite, a chama da fé também precisa de combustível em que se sustente. Qual será o seu azeite? Em que a fé se fundamenta, como se mantém? Ela tem seu alimento no conhecimento sobre as coisas do espírito. Interessemos-nos pelas coisas espirituais, cultivando o estudo, a meditação, em torno das realidades transcendentais e as divinas leis que as regem, a fim de termos uma fé firme, raciocinada, que possa "enfrentar a razão face a face, em qualquer época da humanidade", como recomenda Kardec (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XIX, item 7).

"Espíritas! amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo", conclama-nos o Espírito de Verdade: ("Dissertações Espíritas", *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXXI, item 9).

**Continua o Mestre a desenvolver a parábola:**

**E, tardando o esposo, toscanejaram  
todas, e adormeceram.**

*Tardando o esposo...* Como demoram a acontecer as bodas espirituais! A instalação do reino espiritual aqui na Terra não é imediata nem fácil, como quereríamos.

Tão longa tem sido a espera pela renovação moral da humanidade, que às vezes pensamos: Quando o mundo vai mudar? Quando a humanidade se tornará correta e bondosa? Parece que nunca, jamais!...

E tristes, quase desanimando, baixamos o padrão de nossa conduta, começamos a querer agir, no dia a dia, como aqueles que nada conhecem da vida espiritual. Jesus simboliza essa nossa atitude ante a demora da chegada do bem, dizendo que as virgens *toscanejaram e adormeceram*, foram das pequenas invigilâncias até a total acomodação com o comportamento mundano. E *todas* as virgens falharam... Todos somos invigilantes.

**Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: *Aí vem o esposo, sai-lhe ao encontro!***

Meia-noite

Que hora simbólica! Apesar das trevas, é o fim da noite, um novo dia está começando. Haverá uma época que, embora ainda trevosa, já será o advento de nova era.

E um *clamor* se ouvirá. O advento será bem proclamado. No sermão profético, falando sobre a vinda do Filho do Homem, Jesus dirá que *anjos, com rijo clamor de trombeta, ajuntarão os escolhidos*.

Não esperemos, porém, sonidos marciais. Prestemos atenção nos clamores das pessoas, das sociedades e, até mesmo, nos clamores da Natureza que a ecologia nos aponta. Quem poderá continuar dormindo com o estridente barulho das dores e dos clamores na casa humana?

**Então, todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas.**

O despertamento espiritual se faz! Por causa do aviso, do clamor, as pessoas estão acordando da descrença e da indiferença e começam a procurar pela fé, a buscar maior vivência espiritual.

Muitos sentem dificuldade para fazer brilhar e arder a sua fé. O pouco e antigo conhecimento espiritual que possuem e acreditavam fosse capaz de os iluminar até a renovação da humanidade, de

enfrentar a longa espera, não lhes está conseguindo sustentar a fé.

A evolução científica e tecnológica, a transformação dos costumes sociais acarretaram situações inusitadas, novos e complexos problemas. Ideias ingênuas ou dogmáticas não conseguem subsistir na época atual. O momento requer mais "azeite", maior e melhor conhecimento espiritual, senão, as lâmpadas da fé se apagam...

**E as loucas disseram às prudentes:**

**Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.**

Ante os acontecimentos terríveis e dolorosos da atualidade, os que não construíram suficiente embasamento para a sua fé, desarvoraram-se e se sentem quase a sucumbir.



Mas, olhando ao lado, constatam que outros continuam crentes e animados, quase serenos em meio ao tumulto, e até capazes de socorrer e amparar aos mais fracos e sofredores. Então, indagam: Como você consegue? De onde tira essa paz, essa força? E, como

as virgens loucas, pedem:

**Dai-nos do vosso azeite!**

**Mas as prudentes responderam dizendo:**

**Não seja o caso que nos falte a nós e a vós.**

A resposta nos parece descaridosa? Materialmente se justifica, pois tentar uma divisão de combustível na última hora talvez acarretasse a falta dele, no fim, em todas as lâmpadas, prejudicando inteiramente o cortejo. Preferível ter cinco lâmpadas funcionando, do que falharem todas. Ainda aí as virgens prudentes demonstram sábia cautela.

E, espiritualmente, a resposta também está correta, porque a fé, o conhecimento espiritual, não pode ser doado de um ser para outro, cada um tem de adquiri-lo por si mesmo. Foi o que as virgens prudentes

orientaram às "loucas", ao lhes aconselhar:

**Ide antes aos que o vendem e  
comprai-o para vós.**

Se fosse azeite material, poderíamos comprá-lo dos comerciantes do ramo, mas conhecimento espiritual, quem venderá? Ele só nos é "vendido" nas lutas evolutivas ao preço do esforço próprio, do empenho pessoal, e em permutas da mais sincera e pura fraternidade.

Neste alvorecer de nova era, quando um mundo melhor está surgindo, em meio aos escombros do velho mundo e aos transtornos da necessária reconstrução, quem precisar de "azeite", do conhecimento espiritual, para enfrentar a realidade atual, terá de voltar ao estudo das coisas espirituais (que o proporciona), ao aprimoramento da moral e ao exercício da fraternidade (que o consolidam).

**E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as  
que estavam preparadas entraram com ele para as  
bodas. E fechou-se porta...**

Parece-nos cruel o fechamento da porta às virgens que aflitas chegaram depois? Talvez porque nos identifiquemos com elas... Porém, a justiça divina, sempre perfeita e nunca condenadora, exige de todos o integral cumprimento das leis da vida. E, como já vimos, na parábola da rede, a evolução humana se faz em ciclos, tanto individuais como coletivos. Quem progride dentro da média prevista, "entra" enquanto a porta está "aberta", ou seja, no tempo apropriado, e atinge estados melhores, penetra em planos superiores.

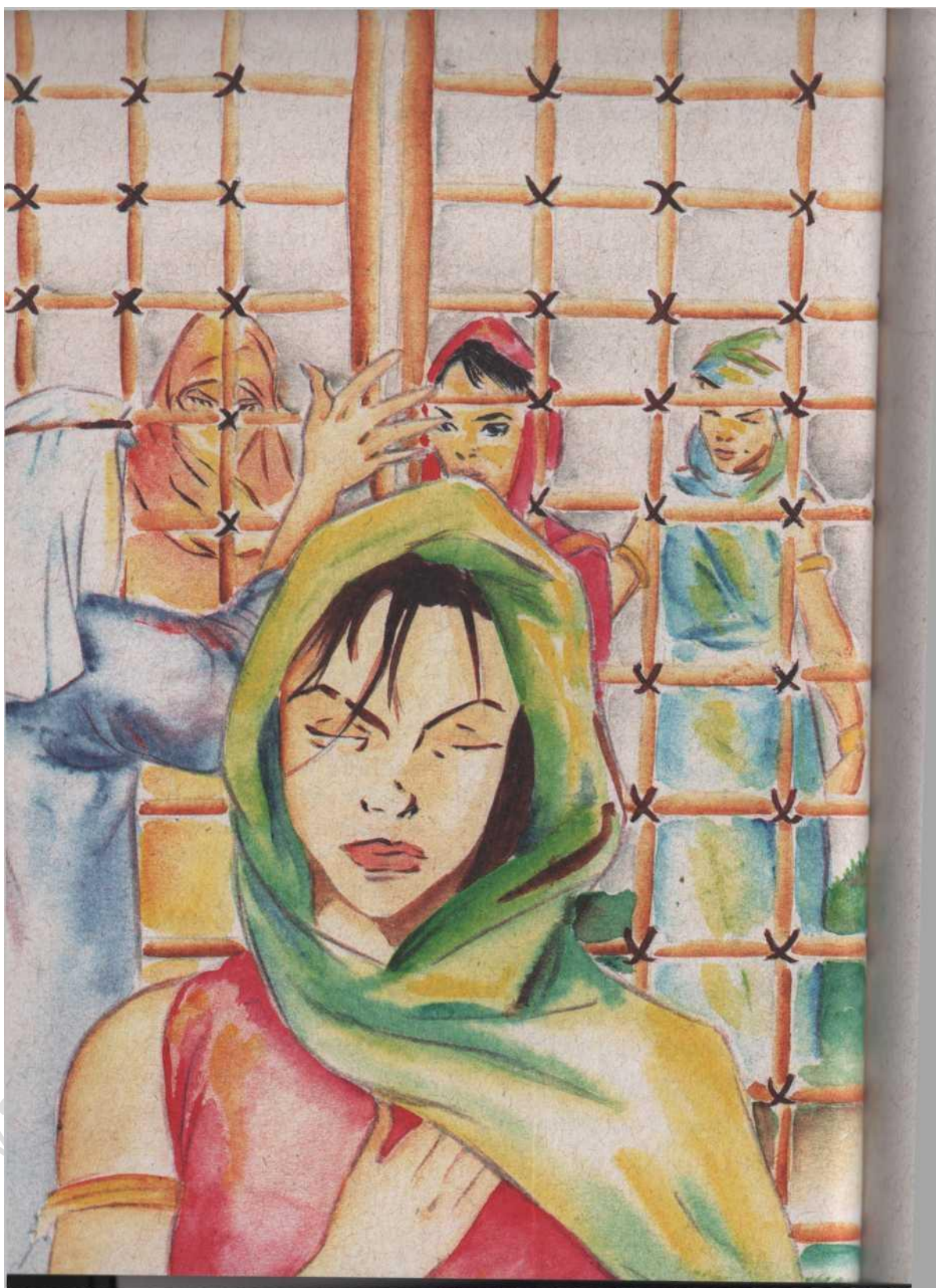
Essa mesma "porta" também poderia ter dado entrada para os outros do grupo, sem qualquer privilégio para ninguém, se não se houvessem retardado. E, quando se fecha, é por imperiosa justiça. Então, será preciso esperar um novo ciclo evolutivo, o qual voltará a ensejar uma nova oportunidade de entrada ao estágio superior.

**E depois chegaram também as outras virgens,  
dizendo:**

**- Senhor, Senhor, abre-nos!**

**E ele, respondendo, disse;**

**- Em verdade vos digo que não vos conheço.**





Novamente, achamos dura a resposta? Imagens semelhantes de porta fechada e clamor dos de fora são usadas por Jesus em outras passagens, como em Lucas 13:22/30, e Mateus 7:21/23. Não adianta clamar, chorar, revoltar-se, querendo entrar num plano espiritual mais elevado, para o qual ainda não se está preparado, não se tem o necessário merecimento, onde o padrão de conhecimento e de conduta são superiores aos que temos e alimentamos.

*Não vos conheço* significa: não há sintonia entre nós, não somos do mesmo procedimento, do mesmo pensar e sentir.

E Jesus conclui:

**Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir.**

Jesus vai voltar à Terra? Sim, mas não corporalmente, isso não é mais necessário, pois seu ensino já foi ministrado, seu exemplo de amor e fé já foi dado neste mundo. Será um retorno espiritual'. Ele estará presente em cada pessoa que houver assimilado a sua mensagem, a doutrina que ele nos trouxe, essa doutrina, pouco a pouco, se instalará no pensamento e no coração de todos os habitantes do planeta. É assim que ele já vive em muitos aqui na Terra, que poderiam dizer, como Paulo: *Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.* (Gálatas 2:20)

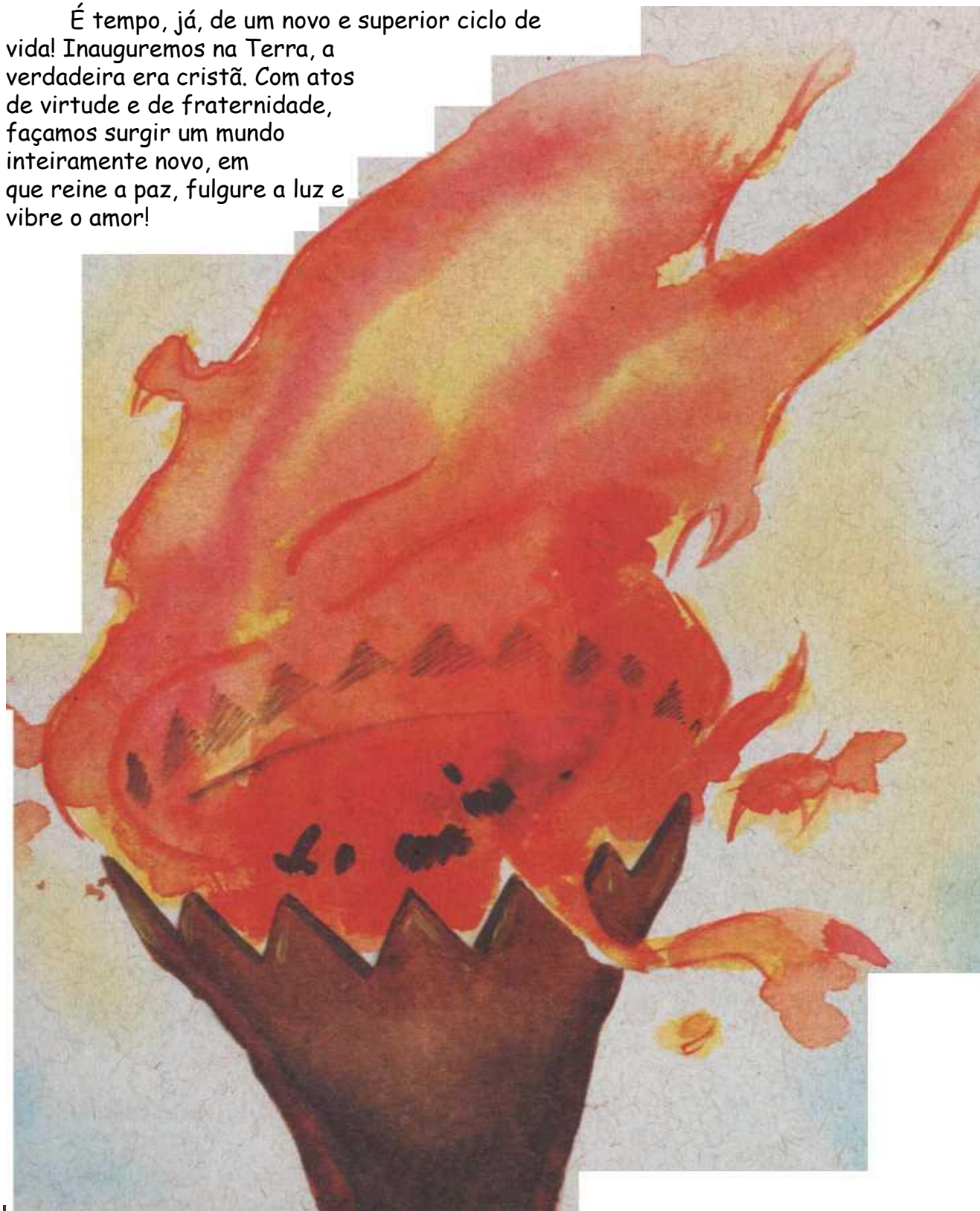
Quando o progresso intelecto-moral da humanidade ensejará a instalação dessa nova era em nosso planeta? Não sabemos. (...) **a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai** (Mateus 24:36). Ninguém sabe, porque esse progresso dependerá do livre-arbítrio humano, de nós mesmos, de cada um e de todos. Mas que esse dia chegará é certo, porque o progresso, lei divina, natural e imutável, mais cedo ou mais tarde se cumprirá. Almas desejosas do bem! Procuremos manter a pureza dos sentimentos e dos costumes! Sejamos cautelosos, Sejamos Prudentes! Vigiem e Orem!

Na Doutrina Espírita, há muito conhecimento sobre a vida imortal. Abasteçamos desse "azeite" divino para que a nossa fé não se apague e sua luz possa brilhar sempre firme! Ainda que outros estejam a ponto de desistir, continuemos fiéis no amor a Deus e ao próximo.

Acolhamos já o pensamento divino! Jesus na mente e no coração! Colaboremos para que ele entre na casa da humanidade e aconteça, enfim, a sublime união de todos com o Cristo de Deus.

É tempo, já, de um novo e superior ciclo de vida! Inauguremos na Terra, a verdadeira era cristã. Com atos de virtude e de fraternidade, façamos surgir um mundo inteiramente novo, em que reine a paz, fulgure a luz e vibre o amor!

É tempo, já, de um novo e superior ciclo de vida! Inauguremos na Terra, a verdadeira era cristã. Com atos de virtude e de fraternidade, façamos surgir um mundo inteiramente novo, em que reine a paz, fulgure a luz e vibre o amor!



## ARQUIVOS PSÍQUICOS DO EGITO

Hermínio C. Miranda

11 - Lady Nona grava, em egípcio, "naquele objeto de metal"

Em conversa com o dr. Wood, em 22 de maio de 1929, Lady Nona expôs da seguinte maneira, o seu ponto de vista:

- *Somente o conhecimento da vida eterna causará nas pessoas impressão suficiente para fazê-las desejarem converter todas as coisas más em coisas boas. Somente o seguro conhecimento de que todos levam consigo a carga de suas acumuladas responsabilidades para o mundo póstumo fará as pessoas sentirem a necessidade de viver de maneira correta. Um vago sentimento a respeito de céu e inferno não tem o menor valor. (89)*

(89) - Hulme, Howarg & Wood, Frederic. *Ancient Egypt speaks*, pp 155

## UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO

Beatriz P. Carvalho

II Parte - Cap. 18 A página 245

### PARABOLA DAS DEZ VIRGENS: MT 25,1-13

Simbolicamente, nesta parábola, a lâmpada representa o Espírito; O azeite, o alimento espiritual, que irá proporcionar luz à lâmpada, permitindo assim, o encontro com o esposo. Jesus é o esposo, que nos abrirá a porta para os planos elevados da espiritualidade. A sua vinda em hora incerta, simboliza a morte, da qual nunca sabemos a hora. A noite, na parábola, simboliza o momento difícil da morte, quando a obtenção de luz para nosso Espírito (do azeite para a lâmpada), se torna impossível, e a sua necessidade premente. Se não tivermos feito a reserva, a luz que trazemos não será suficiente para suprimos o Espírito e não teremos mais tempo para buscá-la.

As virgens prudentes e as virgens loucas simbolizam as pessoas, com suas lâmpadas e diferentes quantidade de azeite, que, dentro da diversidade humana, aguardam a chegada do esposo.

Trazemos, ao ingressar no mundo dos encarnados, de passadas encarnações, a lâmpada já suprida com determinada quantia de azeite. Recebemos, na atual, as oportunidades para aumentar seu volume o que, na parábola, corresponde à prudente reserva.

Se chegarmos ao fim desta, com apenas o que trouxemos de vidas passadas, não teremos a reserva e, faltando o azeite, faltará luz em nossas lâmpadas. Este fato irá impossibilitar o encontro com o esposo. Consequentemente, teremos a porta fechada ante nós e o Senhor dirá que não nos conhece, pela falta de luz em nós.

O suprimento das lâmpadas deve ser prudentemente produzido, por nós, de maneira contínua, para que possa ir sendo armazenado, alimentando-nos a reserva. Isto nos possibilitará manter a lâmpada acesa quando, precisando dela, não pudermos mais abastecê-la. Desse momento, não sabemos a hora, sabemos apenas que será decisivo: se não tivermos acrescentado nada ao Espírito nesta última encarnação, teremos perdido a oportunidade que nos foi oferecida e encontraremos a porta da ascensão espiritual fechada.

"Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? [...] E quanto ao vestido, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles" (Mat. 6,26.28.29).

Estas palavras de Jesus parecem, à primeira vista, um desestímulo ao trabalho, porém, na realidade, é um apelo à prudência, procurando orientar as obras humanas.

E comum ouvir-se que o conhecimento proporciona ao ser humano o poder para domar a natureza, ou seja, um absurdo, ninguém domará uma obra divina. Na realidade, a sabedoria nos ensina a viver de acordo com ela, a aprender com ela. Usufruí-la sim, utilizá-la sim, porém, sem ganância, sem lesá-la.

O convite de Jesus: "*Olhai as aves do céu, olhai os lírios do campo*" é semelhante a olhai a natureza!

A natureza é a materialização da vontade de Deus no planeta e toda obra divina é perfeita em seus detalhes. Foi criada para dar suporte à vida, que nela se manifesta de maneira integrada: os seres vivos são integrados entre si e integrados à própria natureza, dentro de um equilíbrio perfeito.

Todas as ações humanas que não respeitarem esse equilíbrio causarão sérios danos à vida em geral.

Nossa passagem pela vida material é curta, da matéria nada levamos, nem o próprio corpo, o que não justifica o acúmulo desnecessário de bens, retirados da natureza, verdadeira ganância humana, pois que nem a pessoa, nem seus familiares conseguiriam consumir ou aproveitar, causando verdadeiro desequilíbrio, em face daqueles que nada têm. Cabe aqui lembrar uma parábola de Jesus:

"Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui. E propôs-lhes uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância; E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; E direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus" (Luc. 12,15-21).

Utilizarmos os recursos naturais faz parte da manutenção da vida do corpo, além do que, constitui nosso instrumental de trabalho, de realizações, de progresso do Espírito, e, para isso, encontram-se à disposição. Devemos, porém, utilizá-los com prudência e bom-senso. Os lírios do campo, assim como todos os vegetais, são alimentados pela natureza, sem desequilibrá-la ou agredi-la. As aves do céu, como todos os animais, são alimentadas pela natureza também, sem desequilibrá-la ou agredi-la.

O homem, o ser vivo dotado de maior inteligência, é, paradoxalmente, o único que causa desequilíbrios na própria sociedade e desequilíbrios ecológicos no planeta em que

vive. O único que destrói a sua própria casa e não tem consideração com seus irmãos que nela habitam. E justamente para o homem encarnado que é dirigida a mensagem de Jesus:

*"Olhai as aves do céu, olhai os lírios do campo",* olhai a natureza, aprendei com ela, respeitai-a. Sede prudente, não desequilibre a sociedade em que vives, em nome da vossa ganância, da vossa sede de status, do vosso poder. Sede prudente em relação ao planeta que vos abriga, não o agrida nem o destrua.

## A GÊNESE

Allan Kardec

### Introdução S8

**Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.**

### Cap. 1 - Caráter da Revelação Espírita

**50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.**

**51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de**

espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi

assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.